

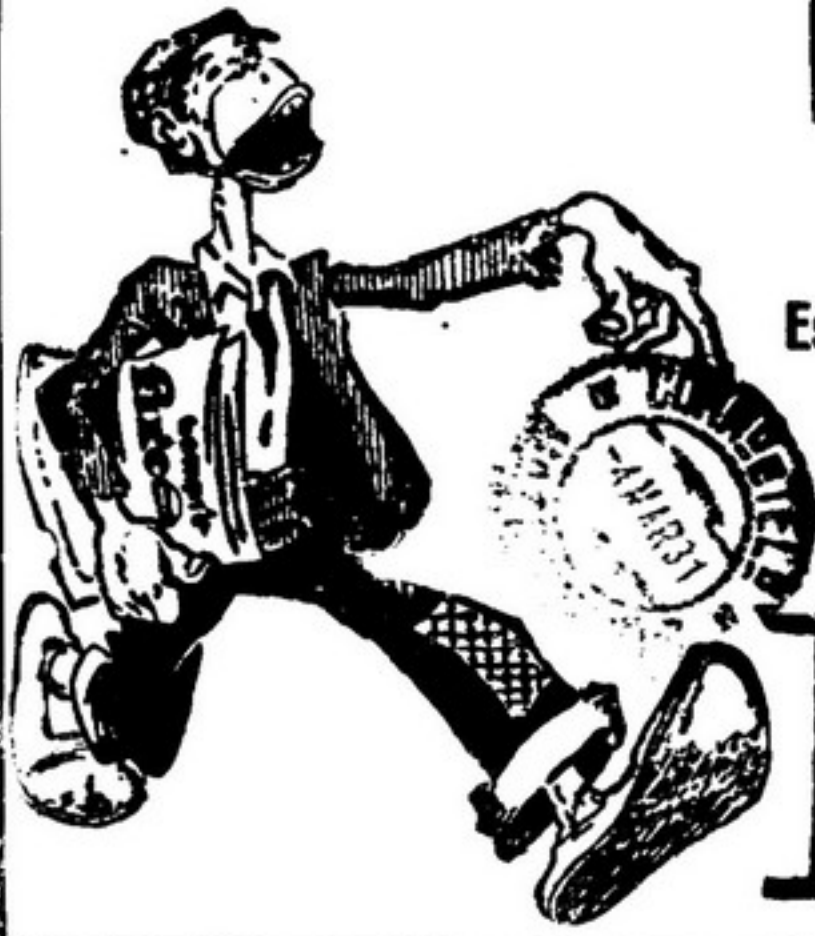
QUARTA-FEIRA
Lisboa-- 4 de Março de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

250



sempre fixe

semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

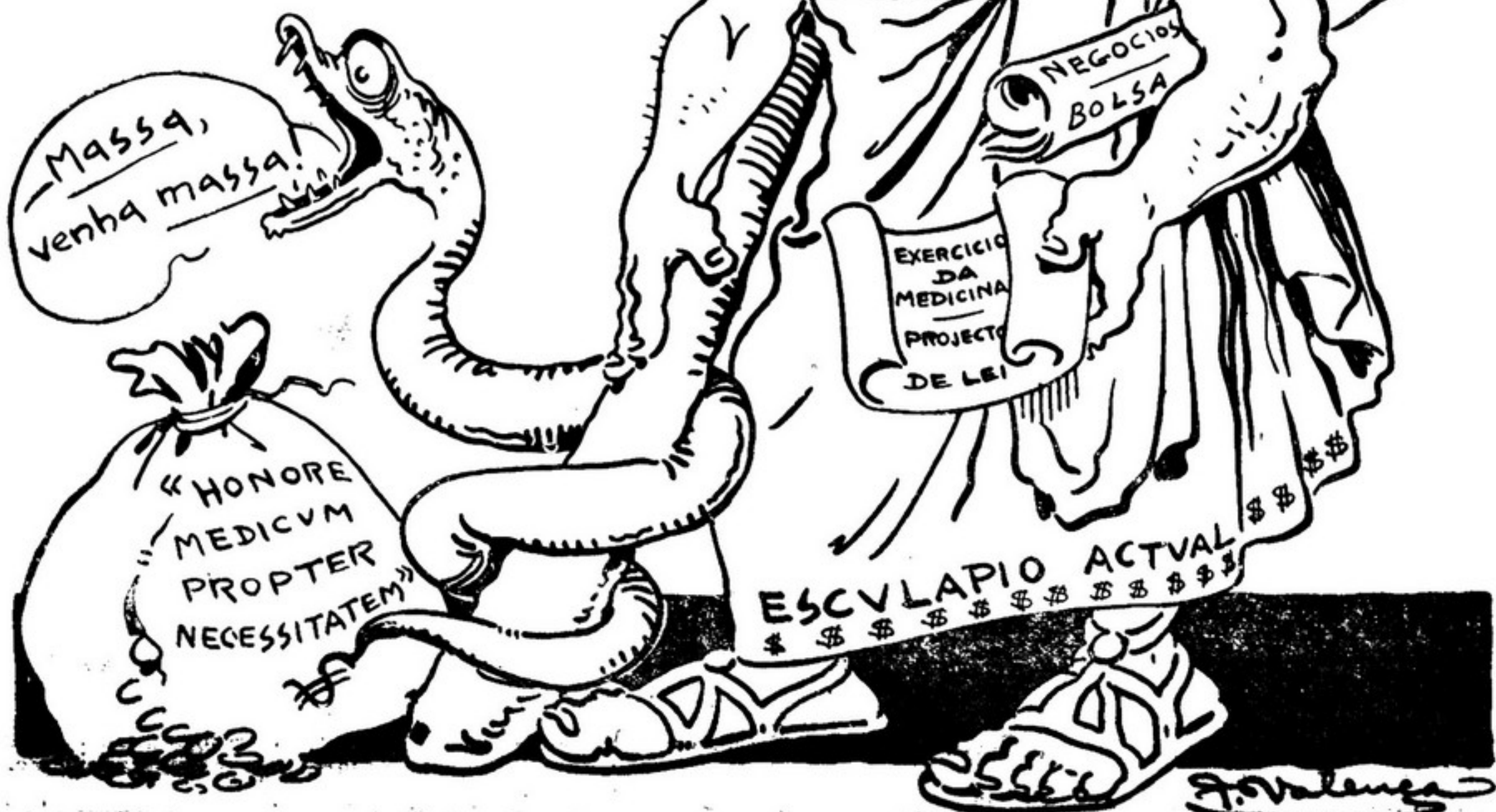
DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

O EXERCICIO DA MEDICINA E DA GANHUÇA



— Se não me aprovam
o projecto com que
projecto encher a
burra, receito-
lhes xarope
d'este marmeleiro!



... Pararam um projecto de lei, ao qual o
testes de arnica, só lembrava ao Diabo... dos Galenos!



Os ditos da semana



Andorinhas e milhafres

Antigamente, quando chegavam as andorinhas, aproximavam-se os milhafres e era uma rasia. Com o andar dos tempos tudo mudou. Agora a rasia faz-se antes da chegada das andorinhas e, apenas elas começam a chegar, começa a debandada dos milhafres. Passam-se uns para Espanha, outros para França e alguns para a Argentina, às vezes com escaia por detraz dum biombo, esgueirando-se por uma porta falsa, porque eles bem sabem que são milhafres e que ainda ha meia duzia de pessoas de bem que não deixam as aves de rapina pôr pé em ramo verde.

E quando as andorinhas chegam aos beirais já não lhes falta lama—a lama que deixaram os milhafres—para os relos dos seus ninhos vazios, tão vazios como os colres por onde passaram as aves de rapina.

Tudo são aves, tudo são passaros—mas que passarões. Todavia livres, absolutamente livres, são só as andorinhas, que viajam sempre com bilhete de ida e volta, porque os outros—os milhafres—ou não voltam mais, ou se voltam, veem já transformados em passaros de gaiola.

As saias

Depois das pernas ao leo, tentaram os costureiros parisienses, lançar a moda das saias compridas. Os homens não gostaram da moda e as mulheres ainda menos. Os homens pelo que viam, as mulheres pelo que deixavam ver.

Efectivamente a moda das saias curtas familiarisara de tal forma o sexo forte com as pernas das mulheres que elas se sentiam perfeitamente á vontade com a folha de parra dum vestido de dois palmos e não havia cerimonia, nem pudores, nem vergonhas, nem nada. Aquilo era assim.

Andavamos todos á vontade. Para subir para um carro era só levantar a perna e pronto. Via-se o que se via e o que não se via adivinhava-se pela amostra.

Agora, com as saias compridas, valorisaram-se as estremidades, mas se não chega depressa o verão e os fatos de banho, até uma pessoa é capaz de se esquecer de que as mulheres teem pernas. Pois, para aguçar o apetite, inventaram os costureiros as anaguas de rendas, que são uma especie de nesadelo para os

sentidos. E assim daqui para o futuro, quando a gente julgar que está vendo uma perna, é puro engano—vê-lhe apenas o estojo: as pernas estão lá dentro, exactamente como as joias raras e de grande valor.

O que vale é que para abrir estes estojos ha sempre uma gazua—a condescendencia das mulheres. Quando elas querem não ha maguas, nem anáguas.

Resposta á letra

O clero espanhol pediu aumento de vencimentos ao governo e o governo disse-lhe assim:

—Tenha paciencia. Não tenho aqui nada para lhe dar, mas levarei o caso ao Parlamento.

E o clero poz-se a olhar e a

pensar e a deitar contas á vida, até chegar a esta conclusão:

—Prometem me levar o caso ao Parlamento, mas Parlamento é coisa que eu não vejo. E a isto obtemperou, e muito bem, o almirante Anar, (que pelo nome não perca).

—Tambem vocês prometem o ceu que é coisa que eu não o vejo e ainda não me queixei.

Estavam entendidos. E tudo ficou em bem.

Anúncios

Como sempre, é o nosso fornecedor habitual—vasto repositório da asneira nacional por conta dos outros—que nos dá materia prima para manter esta secção.

Cavalheiro

De situação moral infeliz, sem familia, de 39 anos, pessoas asseada, educada e religiosa, razoavelmente colccado, podendo mesmo ser util e prestativo, dando as melhores referencias, deseja quarto e possivelmente pensão, em casa de pessoa ou pessoas em identicas condições, mas que não precisem deste meio de vida, desejando ser tratado como familia e relativa economia, não muito retirado do centro, carro de \$50. Resposta ao n.º 79. L. de S. Roque, 10.

Sempre ha pessoas muito exigentes! Ora veja o leitor esta passagem do anuncio:

...«deseja quarto e possivelmente pensão, em casa de pessoa ou pessoas em identicas condições»...

Para que diabo exige esta creatura que os seus hospedeiros se encontrem tambem em «situação moral infeliz, sem familia» e tenham «39 anos»?

Então se o dono da casa tiver 40 anos, já não lhe serve? Parece-nos, exagerada tanta exigencia.

Veja lá se pode fazer isso por menos.

Ações dos Touros

Vendem-se. Rua da Prata, 60.

E esta? Nós supunhamos que as acções dos touros eram apenas marrar, mas sempre ouvimos dizer que os touros davam as marradas; nunca nos constou que eles as vendessem. De qualquer forma são sempre más acções.



Expediente

Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Ilhas portuguesas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Alugueiro.....	Ano:	34\$00

N. B.—O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anúncios Isto, agora, é por tabela.

Dr. Albino Valente



Doutor de Capelo e boria, muito cabelo branco e muita boria aos doentes... fracos para os não debilitar mais... Dez anos na Universidade de Coimbra, 9 diplomas de premios, mil viagens pela Europa e pela America, um longo estagio no Rio de Janeiro, um devotado amor á sua patria e uma digna serena e contagiosa que haçten para curar e tesse de 'neste querido director', como diria o Erico no 'Girasol'.

T E A T R O

«RETROZ PRETO...»

A primeira peça que a companhia Adelina-Aura Abranches estrela, no teatro Avenida, intitula-se *P. S. P.* Trata-se de uma peça estrangeira, que dizem ser muito interessante.

No entanto, ficámos a ruminar no *P. S. P.* Que raio quererão dizer as iniciais? Será *Peça Sem Publico*?...

IRENE Isidro declinou os convites que lhe fizeram para trabalhar nos teatros Variedades e Maria Vitoria.

Também, se ela os aceitasse, co-

mo havia de trabalhar nos dois teatros.

A futura revista do teatro Apolo conheceu já quatro títulos:

- Fado da Severa*
- Fado da Mouraria*
- Toma, Teresa*
- Sempre em Pé.*

Irra! Já lembra os cadastros policiais!...

DIALOGO entre teatros:

- Porque fechou o teatro Gimnasio?
- Porque estava aberto
- Ele só abre para fechar!...

ESTA em ensaios uma comedia intitulada *Um beijo na face*. Não será um beijo de Judas?

A brincar, porque lhe desejamos as melhoras:

Está incomodado de saúde o actor Pinto Grijó. Não admira! Quando sai da capoeira, constipa-se logo...

POR causa das moscas... tem caído muita gente no Variedades. Com vinagre não se apanham moscas. Mas com moscas apanha-se publico!...

ZAZ-TRAZ-PAZ é uma grande revista, muito embora o titulo não queira dizer nada. Tudo aquilo é bom, incluindo o novo colega Carlos Leal, que faz um *compefe* com oculos, mas que não é nada de vistas curtas!

PIOR do que a famigerada canção nacional é a moda dos tangos nas revistas. Oxalá que por causa dos tangos não fiquem os teatros de tanga...

VAI estrear-se, no Politeama, *A Mulher do Papá*, cujo principal papel será interpretado por Maria Helena.

Não ha que hesitar... A mulher do papá da Maria Helena é a Maria Matos.

O bom filho à casa torna... Soares Correia entrou, na madrugada de segunda-feira, no teatro Variedades, com um nariz de palmo e meio, o mesmo nariz com que ele vai fazer o *compefe* da nova revista *O Tareco*...

MAIS uma vez, no Nacional, subiu à scena o *Romance*. Aquilo não é um romance, é um folhetim. (Continua).

FEZ anos a semana passada o actor Augusto Costa. O Costinha só faz anos: não cresce...

O Esculapio traduziu para espanhol a opereta bairrista *A Mouraria*. Era de esperar! Ele mesmo, desde que se vestiu de bombazina, considerava-se traduzido...

DEPOIS de servir de reclamo a uma certa marca de cigarros, Erico Braga vai também servir de reclamo a uma certa loção capilar, apresentando-se ao natural...

O Senhor Pior vai dar missa no Trindade. Que os crentes sejam muitos e que os artistas ajudem à missa com devoção!...

A actriz Maria das Neves, entre os seus brilhantes papeis da revista *Zaz-Traz-Paz*, interpreta uma espanhola, que nada tem de espanhola.

Uma artista tão portuguesa como Maria das Neves não podia nunca fazer de espanhola...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Dr. Sousa Costa

(Continuação do numero anterior)



Não podendo publicar-lhe o corpo inteiro sem aumentar o formato do jornal, *Sempre fixe* deu à estampa, no ultimo numero, metade do gigantesco ro: ancista, e completa-o hoje com a outra metade. Nesta época de desfalques sabe-se muito bem «Como se faz um ladrão». Se alguém ainda carper de explicações, o insigne novelista — que é homem de bem e de leis — lhe ensinará como se... vai parar à cadeia.

Leitura sugestiva



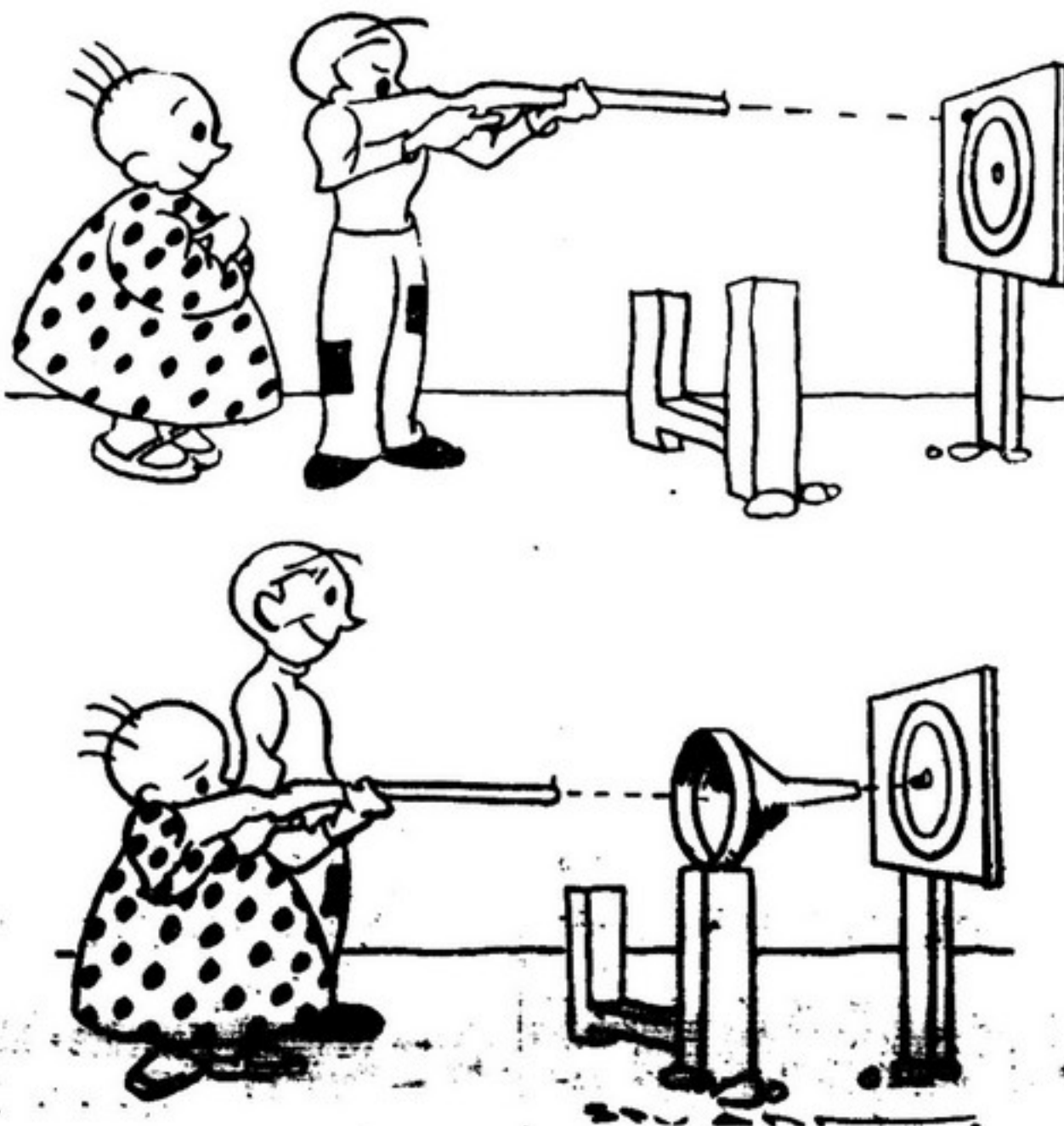
— É interessante que só depois da pagina 68 é que os personagens se amam apaixonadamente.

Filosofia antiga e moderna



— Que procuras Diogenes com esse olhar? — perguntou-me um dia? — Não sei, respondeu meu velho, pois eu não ver se descubro uma mulher.

CONTO MUDO





— Vadio! Não és capaz de procurar trabalho.
— Sabes o que te digo? É para evitar o desgosto de ser despedido por falta de trabalho, como acontece aos outros.

Graça dos outros

O patrão: — Estou vendo que o meu vinho do Porto diminui a olhos vistos!

O criado: — Tenha em conta, patrão que o senhor também o bebe...

O marido: — Que temos hoje para o jantar?

A mulher: — Porco!

O marido: — Logo calcule! Tua mãe vem cá hoje jantar...

A avó: — O meu netinho tem sete anos e já sabe conduzir...

A amiga: — Automoveis?

A avó: — Não, as vacas à fonte...

Num baile:

— O' Alice, você esta noite está formosa!

— Obrigada pelas outras noites, Acacio!...

Um salsicheiro levou ao medico um filho de 8 anos. Após o exame, disse o clinico:

— É bom pesá-lo duas vezes por semana...

— Com osso ou sem osso? — perguntou, á força de habito, o salsicheiro.

A patrão: — Maria, não ouviu chamar?

A criada: — Não! Julguei que fôsse um camion que passasse!

A patrão: — Mas eu chamei-a cinco vezes!

A criada: — Mas podiam ter passado cinco camions...

Entre noivos:

Ele: — O que tens, Carolina? Estás tão triste!

Ela: — O papá acaba de me dizer que está arruinado!

Ele: — Eu bem te dizia que ele havia de fazer todo o possível para impedir o nosso casamento...

No comboio:

— Nesta carruagem pode-se fumar?

— Não, senhor!

— Mas, então, estas pontas espalhadas no chão?

— São dos que não perguntam...

O mendigo: — Uma esmola, minha senhora, para comprar uma passagem para ir ter com a minha familia.

Ela: — Onde é que ela está?

O primeteiro: — Mendigando na Costa Azul...

Na rua:

Ele: — Já não sabe quem sou?

Ela: — Não!

Ele: — Eu sou aquele que seu pai deitou da escada abaixo, quando fui pedir a sua mão...

O marido: — Se eu morresse ó que fazias?

A mulher: — Antes de mais nada, enterrar-te...

No hotel:

— Quer que o desperte de manhã para ver nascer o sol?

— Sim, mas ás 11 horas!

Missão de confiança

Nada, aquela vida de miseravel rancho, sem dinheiro para tabaco, não podia continuar.

Isto, batia na cabeça do 36 da 2.ª, ao lembrar-se da vida calma antes de sentar praça, quando, na terra, ganhava o suficiente para o tabaquinho superior e para ter boa mesa. Era certo que vivia, então, na casa abastada de seu pai, onde nada faltava... E os seus ganhos como barbeiro eram para a faticia e para as botas de polimento...

Mas, desde que caíra nas sortes e viera servir a Patria, tudo se transformara. Feijão e grão, massa e mais «entulhos» substituíram os piteus que, por milagre de boa cozinha, saíam da salgadeira da casa paterna... E que saudades da boa fruta, e do vinho, e do pão, e da cama fôfa!

Nada — pensava e repensava o 36 da 2.ª — aquela vida não podia continuar...

Uma tarde, depois de recebido o magro prof. teve uma luminosa ideia. Lesto, procurou o Americo da tabacaria, ali em Alcantara, amigo e leal mas que era, embora contra vontade, de uma estupidez marmorea.

Falaram durante mais de uma hora; o nosso 36 fartou-se de lhe ensinar o recado e tudo ficou assente.

...

No dia seguinte, no comboio do Alentejo, partia do Barreiro o Americo da tabacaria. Ia, no fundo, ufano da sua missão especial.

Na carruagem de 3.ª, com destino a Beja, botou logo conversa com os outros passageiros. Falava, como é habito dizer-se, pelos cotovelos. Sobre tudo as anedotas que aprendera no estanco, saíram-lhe dos arquivos da memoria como cerejas encadeadas. E os companheiros de viagem riam de algumas e a outras ficavam inertes como pedregal.

A certa altura, o Americo percebeu que esgotara o fornecimento das historietas, mais ou menos alegres. Os outros iam calados. Ti-

nam mesmo cara de quem espera por mais. Que diabo havia de lhes dizer? Principalmente áquele velhote que ia na sua frente e que não tirava os olhos dele?

Lembrou-se então da sua missão de confiança. Não hesitou. A falta de anedota, o plano do 36 veio para a arena da conversa.

— Vou aqui — disse o Americo — para fazer uma partida a um parvo de Beja. Um tipo bastante rico mas que é um sovina de marca. Calculem que o filho está em Lisboa, na tropa, e o forrêta nem cinco réis lhe manda... Mas o maião do filho, o Antonio Pardal, não sei se conhecem, pensou uma formidável partida para a paternidade! Calcule o senhor — disse o nosso homem, falando ao seu companheiro em frente — que o Pardal manda dizer ao pai que partiu um espelho num barbeiro, sem querer, é claro, e que se o não pagar irá para a cadeia... Ora o pai Paré é sovina, mas é boa pessoa. Claro vai largar a «massa», que eu levarei para Lisboa — sim, sou eu quem vai falar ao pai — e enquanto durar a pandega não ha de faltar dinheiro, com jantares nas hortas e cervejas, acompanhados pela canção nacional...

O comboio tinha parado. Estavam em Beja. O enviado especial do 36 da 2.ª apeou-se e com ele o velhote que ia na sua frente.

Na estação, o Americo quiz orientar-se. Vendo o companheiro ir de viagem, perguntou-lhe:

— O senhor é daqui?

Que sim, que era, ha sessenta e cinco anos, respondeu-lhe o interrogado.

— Então, conhece o Pardal, o barbeiro?

— Conheço muito bem...

— Então, diz-me, onde é a casa dele...

— É por causa da historia do filho? Não se incomode... Dig: lá a esse maroto que não lhe mando um real e, se mesmo vier a partir algum espelho, de verdade, a unica coisa que posso fazer é partir-lhe a cara...

O HOMEM QUE RI...

Coisas do tempo



— Tu estás «dramático» filha!

— Porquê?

— As meninas de hoje já não brincam com bonecas...

A morte do Indecex

— «Quem me havia de dizer que aquele rapaz (quarenta anos — uma creança!) havia de falecer, assim, sem mais nem menos, dum dia para o outro, como qualquer simples pobre de Cristo que morre de morte natural!... Tão alegre, tão azougado, falador, sempre gargalhando graçaças espirituosas. Quem haveria de dizer, meus amigos, quem haveria de dizer?!?!...»

«Qualidades, como poucos, as tinha, de primeira água, João Jerônimo Indeciso, filho de Jerônimo Joaquim Bisonho e de D. Rosaria da Satisfação, tendo sido pelas custosas e demoradas hesitações do parto que, logo, ao verem-lhe aflorar a cabecita, rechonchuda e vermelha como um tomate saloio, os seus parentes assentaram em pôr ao meu malogrado amigo o apelido que do berço o acompanhou à cova, com honras para anibas as partes.

«Qualidades, sim; tinha-as ele: boas e más, o que é raro, visto que a maior parte da gente só as tem pessimias. E uma das más graves era tão grave que até deixara, em pequenina, de ser qualidade para ser um robusto defeito. Essa lhe vinha precisamente do sobrenome, apelido ou graça, como queram, que ao nascer lhe haviam chumbado à existência, o que, realmente, não tinha graça nenhuma.

«As coisas mais simples, como as questões mais complicadas, debatia-as ele com o próprio bestante, noites e noites seguidas, discutia-as com a mulher e até com os filhos, contava-as aos amigos, pedindo-lhes a opinião; e, em geral, quando, afinal, assentara definitivamente na solução a seguir, a oportunidade tinha passado e João Jerônimo continuava como dantes prazenteiramente Indeciso.

«Um dia, pensou em escrever para os jornais. O que havia a fazer? — perguntou a um amigo.

— Homem, — retorquiu o interpellado — lembre-se que isso vem do latim. *Scribere*, como dizia S. João, o *Estilista*, quer dizer — *escreva!*

«Você o que tem a fazer é escrever qualquer coisa e levá-la a um jornal. Se o director nessa tarde, fez bem a digestão, está lançado: é o triunfo. Se o director está com o gogo, em vez de lançado, fica no quadro...»

— Tipografico? — interrompera o Indeciso.

— Não; no dos *adidos*.

«O meu excelente João Jerônimo meteu-se em casa a escrever paginas e paginas de prosa (que ele, de verso, nem em pequeno gostava disso!), umas humcrísticas, outras de assuntos graves).

«Findo o arduo trabalho, começou a pensar qual dos generos preferiria para se apresentar: a prosa humorística, a Agostinho de Campos, ou o austero e castigado dizer de Aprigio Mafra!...

«E ficou indeciso...»

Antão Beltrão, que nos contava estas coisas formidáveis, estava como um cavalo numa ladeira, tossiu, limpou o suor e suspirou longamente.

— Mas, diga-me — perguntei-lhe com assaz cortezia — o seu amigo morreu dessa indecisão na preferencia dos generos?...

— Não, senhor; morreu duma outra indecisão muito pior. Calculem os cidadãos que João Jerônimo Indeciso vinha sofrendo de indecisão do ventre, para o que os medicos lhe receitaram um violento drastico, ou, como dizia Cuvier, um *purgante*. Nem mais nem menos do que óleo de Mamona concentrado, meio por meio com salada de pepinos de S. Gregorio.

«Pois bastou ouvir-me dizer: — *Isto é fortissimo!* — para logo ficar indeciso se devia, ou não, tomar o purgante.

— «Tomo, não tomo...; tomo, não tomo...» — foi obra de tomo, foi! Passou, assim, toda a manhã; e ele sempre o mesmo Indeciso de nascença. Ai pela tarde, continuava na mesma. De repente, formosa-se um vôlvio muito decidido na trapa do Indeciso e o Indeciso morreu.

«... Se fôsse ele a resolver, ainda estaria vivo a estas horas.»

CIRANO DE VELHOFRAC.



INOCENCIA:

— Parece impossível! Neste jornal vem uma menina tão bem vestida, com a panela da sopa no braço.

Elevador da Gloria

No tribunal:
O juiz: — Estou convencido de que o réu praticou o crime conforme acabo de descrever...
O réu: — Não foi assim, sr. juiz, mas para a outra vez utilizarei o seu método!...

A mulher: — Sim, no pescoço da pintalasses o bigode.
O marido: — Porquê? Destinge?
A mulher: — Sim, na pescoço da creada!...

Ela: — E se o meu tio me desherdasse, continuavas a gostar de mim?...
Ele: — Naturalmente! Mas isso não passa duma suposição, não é verdade?...

Na rua:
Ela: — Você não tem vergonha de pedir esmola com umas mãos tão sujas?
O mendigo: — Não, porque não posso comprar umas luvas como as suas...

A' saída da escola:
Antonio: — O que fazes quando vais sentado num electrico e entra uma senhora que não tem lugar?
João: — Finjo que estou a dormir!...

A mulher: — Recordas-te de aquele medico que ha dez anos só me dava oito dias de vida?
O marido: — Sim, é um bom homem, mas ninguem se pode fiar nele...

— Acreditas na eficacia dos remedios?
— Meu tio viveu muitos anos graças a eles.
— Ah, sim?!
— Sim, era farmaceutico!...

No circo:
O creado: — Então, o patrão veio dormir para a jaula dos leões?
O domesticador: — Sim, porque na minha casa ha muitos mosquitos...

— O meu quadro «Trabalhadores do campo» é dum realisimo magnifico!
— Mas os teus trabalhadores não trabalham!...
— Por isso mesmo é tão realista!...

Entre amigos:
— Ontem, discutindo com a minha mulher, pronunciei uma palavra que a molestou tanto que ela não voltou a falar...
— Não podias dizer-me que palavra é essa?...

Entre noivos:
Ele: — Retiro-me; se fico mais um momento, beijo-te sem querer...
Ela: — Sem querer?! Mas tu ainda ha bocado diseste que me querias...

Entre amigas:
Alice: — Julgas que o Antonio vai pedir a tua mão?
Maria: — Absolutamente! Já anda a aprender lições de box, para o pugilismo familiar!...

Coisas do tempo



— Então até logo, ven aproveitar esta... abertura...

Cacharolete Aspiração curiosa Viagem a Lisboa

dos cabeleireiros da capital

Quando um dia a Celestina
Se viu sem ter um pataco,
Foi p'ra uma casa de esquina,
Que era muito pequenina,
Que era um perfeito buraco.

Uma certa ocasião,
Foi visitá-la o D. Paco,
E a pobre pede perdão
Por tão pobre habitação,
Que era um perfeito buraco.

Improvisou de momento
Um velho chá muito fraco,
No seu pequeno aposento,
Que era um estreito alojamento,
Que era um perfeito buraco.

Toma o Paco o chá da China,
Pucha a bolsa do tabaco,
Dizendo p'ra Celestina
Que a casinha da menina
Era um perfeito buraco.

Mas, educada a primôr,
Diz ela para D. Paco:
— «Mas, no entanto, o senhor,
Quando quiser, faz favor
De dispôr do meu buraco!»

JOÃO FERNANDES.

Aquela Internacional
que tem a séde em Moscú
dá por vezes o aspecto
de estar bastante lírid.

De ha muito que o mundo vem,
— essa verdade não nego —
sofrendo, em doses brutais,
a crise do desemprego.

Na Europa e no Novo Mundo
ha milhões de sem-trabalho
que não tem que comer
e sofrem da noite o orvalho.

A fome é má conselheira
e muitos deles, coitados,
passam a ser presa fragil
dos ideais desvairados.

Pois sabem qual o remédio
que os de Moscú encontraram,
e que, em dura dictadura,
para o mundo receitaam?

— No mundo ha desempregados,
gente da pena e do malho?
Pois salam todos p'ra rua
e abandonem o trabalho!...

O HOMEM DOS TIMBALES

Empenha-se toda a gente,
o clero, a nobreza, o povo,
emfim, este mundo inteiro,
em saber bem certamente
se nasceu primeiro o ovo
ou se a galinha primeiro.

Tem havido discussões
entre todos quantos peçam
em descobrir a verdade,
mas ninguém aduz razões
que finalmente convençam
com inteira claridade.

Eu, sem pressa de espirito,
já decifrei a adivinha
bem facil e bem singela,
e posso afirmar ao certo:
nasceu primeiro a galinha,
que dá canja e cabidela.

Deus criou, diz a Escritura
toda a especie de animais,
para usufruto dos porcos;
mas não consta de leitura
que Ele em tempo algum jamais
se lembrasse... de pôr ovos...

ANTONIO AMARGO.

Oh! homem que vais andando
Com tanta linha e aprumc
Quero saber o teu rumo
E no que vais pensando...
— Eu cá la meditando
Numa conversa que ouvi
E d'onde depreendi
Que para ser bom português
Tem que se ser bom freguês
Lá da Ginginha Rubi.

R. Barros Queirós, 27
LISBOA

A direcção do Gremio dos Cabeleireiros de Lisboa esteve ha dias no Ministerio do Interior. E entregou ali uma representação ao titular daquela pasta.

Até aqui, isto nada tem de extraordinário. As direcções dos Gremios, das Associações de Classe, dos varios clubs e centros da capital, de vez em quando, sobem as escadas dum ministerio, entram e entregam uma representação. Essa representação pede habitualmente uma prerrogativa, uma concessão material, o patrocínio duma festa, a consideração ou o titulo de Utilidade Publica por amor de não gastar estampilhas na correspondencia.

O Gremio dos Cabeleireiros de Lisboa, reconhecidamente de utilidade publica, pondo á parte os carecas, solicitou outra coisa. Apenas a publicação dum decreto.

Requere essa instituição prestimosa, entre outras coisas, que por um artigo desse decreto, nenhum individuo se possa intitular cabeleireiro de senhoras sem ter um diploma passado por uma Escola Profissional. Pretendem, por outro, que essa Escola seja instalada num edificio official. E que os cabeleireiros, assim diplomados e officializados, quando não tenham emprego, só possam exercer a sua profissão no domicilio das clientes com uma licença passada por uma Repartição de Finanças. E lembram até, por fim, que na França — e porque não em Portugal tambem?! — se organizou um sub-secretariado de ensinamento tecnico de tosquia de cavalheiros e damas no Ministerio da Instrução Publica e Belas Artes.

Temos pelos cabeleireiros de Lisboa, confessemos-lo, grande consideração. Gente de trabalho, indispensavel em côrtes de guedelhas e admiravel nas suas conversas, todos nos merecem franca simpatia.

Mas não compreendemos, visto que ha tantos e tantos burocratas nesta boa terra de Lisboa, que eles ganhem em ficar sob a égide e tutela do Estado. Um barbeiro, ou um cabeleireiro, que fez sua aprendizagem numa loja, de bata branca, e se tornou consumado no trato da gafarina e barba do fre-

guês, é logico. Está bem. Mas para quê uma Escola Profissional, com mestres, continuos, lições de hora e meia, dissertações, exames!... Que adiantar se pode, para escanhoar a primor, ou para fazer uma ondulação «indesfrisavel», saber manear uma táboa de logaritmos, ou conjugar sete verbos alemaes? A não ser que os Figaros da capital pretendam cultura maior para a conversa, durante o seu labor! E que em vez de falarem de politica, de modas, de imensas historiétas, enquanto a navalha corta ou saltita a rapida tesoura, resolvam falar de coisas transcendentales e bocejantes, como o imperativo categorico de Krut ou os fenomenos da relatividade.

Por outro lado, tambem não vemos com clareza essa precisão de uma licença das Finanças para entrar na casa duma senhora e cortar-lhe o cabelo á Ninon. Em geral um cabeleireiro que vem a casa é mais cara isso é... Isso que implique com as finanças domesticas ou mesmo com as particulares, do marido ou quem pague — ainda vamos. Mas que para uma prima nossa frizar o tóutico tenha de se pronunciar o sr. Auedo de Oliveira, isso é que não se nos mete pelos olhos dentro.

Mas o que mais nos espanta, e não o sabiamos, creiam, é a organização desse sub-secretariado em França, e a sugestão — sejamos francos — dum identico em Portugal. Mas... concedemos, ainda que nos dêse observar o seguinte:

— Que demonio de ligação poderá ter a Instrução Publica e as Belas Artes de França com o geito de bem tosquiar ou de bem escanhoar?

Isto é, desconfiamos...

Provavelmente, o facto filia-se neste costume velho de chamar aos barbeiros — mestres. Sendo mestres, isso é com a Instrução Publica...

E tambem, no de se dizer dum empregado habil duma barbearia: é um belo artista. Então não ha duvida — é com as Belas Artes.

P.

Numa aldeia silenciosa e triste habitava Manoel Carrasqueira, com a sua dignissima esposa e uma ninhada de filhos.

Possuia muito daquilo com que se compram os melões, mas nunca tinha visitado Lisboa. Quando lhe falavam dos magestosos predios da Avenida, das imponentes estatuas equestres, ele, boquiaberto, exclamava:

— Ora eu podia ir á capital; mas «despois» se aquella «estaitus» me cáem por cima...

E, absorvido nestas cogitações, não arredava os calos do seu casabre.

A's vezes, para aprender a dançar, agarrava-se ás estevas que circundavam a sua casa e dizia-lhes num tom amavel:

— Boas noites, meninas estevinhas; querem dançar comigo?

Passaram se tempos e, um dia, não resistiu á tentação. Um seu visinho, mais espertalhão, tantas maravilhas lhe contou da cidade que ele, disposto ao que lésse e viesse, resolveu, depois duma conferencia com a sua Chica, vir a Lisboa. Vestiu o fato de saragoça, calçou umas ricas botas de pelica ei-lo a caminho da capital.

Ao penetrar no Terreiro do Paço, ia desmaiando com o barulho das gavotas. Foi andando e, ao chegar ao largo do Pelourinho, volta-se muito espantado para o patício que o acompanhava e diz-lhe, indignado:

— Olha lá, ó João, tu não vês além, no alto, aquele homem em pélo? Ah, se a minha mulher visse, que vergonha!...

E lá foi a discussão com o companheiro sobre o largo do Pelourinho. Ia tão entusiasmado com a palestra que, se não fôsse o aviso dum policia sinaleiro, atropelava um automovel. Como o dia estava chuvoso, o desastre resumiu-se apenas numas salpicadelas de lama nas calças. Queria á viva força que o *chauffeur* lh'as limpasse. Mas, como este não foi na cantiga, resolveu continuar o passeio. De momento a momento, extasiava-se-lhe a vista, a admirar as exuberancias artisticas que possui esta cidade de marmore e de sonhos com uma prospera civilização.

Carrasqueira não podia admirar só os pontos estrategicos da cidade, e sem saber o perigo que corria foi meter-se para os lados do Bairro Alto. Quando passava por uma rua tortuosa, duas meninas airozas e extravagantes começaram a chamá-lo com os seus amaveis *psst, psst*. Ele, envaidecido no seu amor proprio, exclamou para o companheiro, como um Don Juan:

— Estão apaixonadas por mim! E rapidamente subiu as escadas, radiante de alegria, a murmurar baixinho:

— Não ha que vêr, estão apaixonadas...

ALEXANDRE FARIA.

BARBEI-E-SE COM LAMINAS

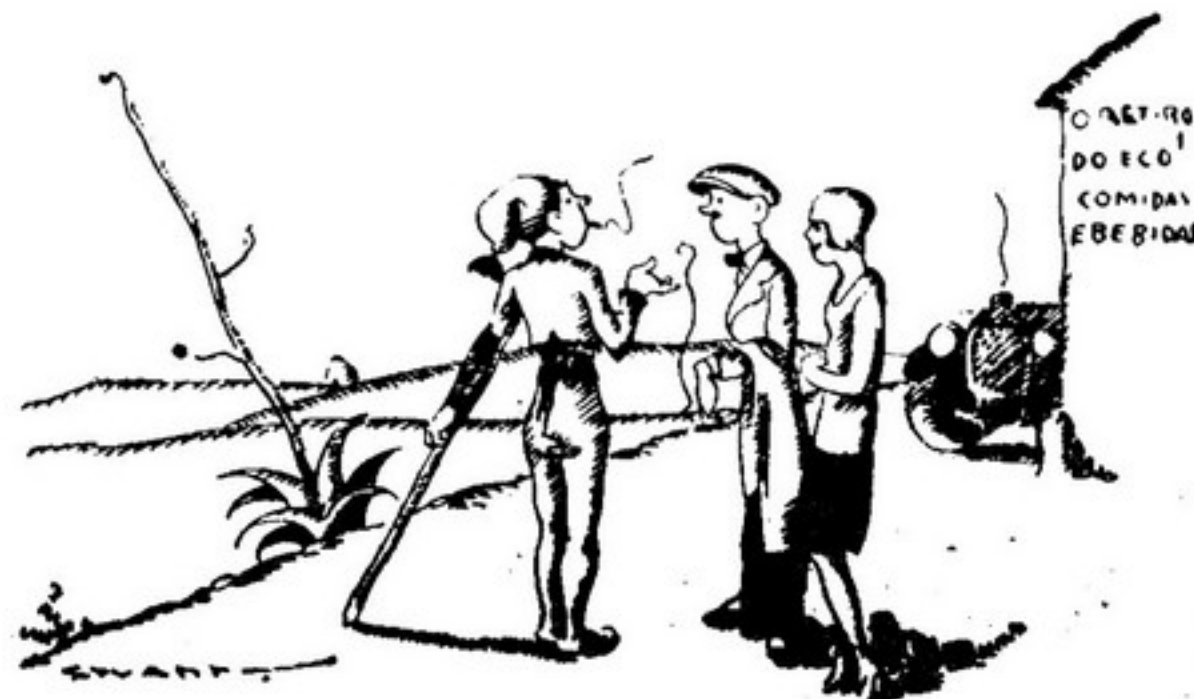


As de mais fina tempera

Leiam amanhã o

KINO

Quer a mais grande
Rua do Mundo. 115



— Não é aqui que ha um Eco muito interessante?
— E' sim, meu senhor, mas hoje não trabalha; teve de ir á feira de Agualva!...

Nada de cuidados!

O senhor Antonio do Monte era um homensinho em fórma de sa-loio com patilhas e tudo, e que não era nada estúpido. Tinha até na aldeia onde vivia, fama de ser, pelo menos, o mais esperto de toda a respeitável coorte de saloios.

Ora o Antonio do Monte, que já não vinha a Lisboa vai para dez ou doze anos, resolveu vir até á cidade dar uma passeata e comprar uns engenhos modernos para lavrar umas terras que tem lá na aldeia.

Vestiu a melhor farpela, fez-se conduzir na carripana até á estação, que ficava um bocadinho longe, e e-lo no comboio, comodamente instalado numa carruagem de terceira classe, porque um homem como o Antonio do Monte, apesar de ter uns dinheirinhos no Monte-pio, umas leiras de terras, uns porquitos e algumas aves de bico, não tinha nada de tebeirão, nem tão pouco era amigo de luxos.

E agora cá por esta Lisboa aqui temos nós o amigo Antonio do Monte, com o seu enorme chapéu de chuva, um chapéu que chegava para cobrir um lugar da Praça da Figueira, um casaco comprido e um ar de saúde e inocuidade que estava mesmo a dizer: — Se ha para aí algum vigarista que se queira autorizar, é só dizer.

O nosso Antonio visitou os amigos, fez as compras que tinha a fazer, foi ao teatro para ver as pernas das coristas, que era uma coisa que lhe tinham gabado muito lá na terra e que, final, era de fazer crescer agua na boca e fez ainda mais uma extravagancia.

No ultimo dia da sua estada em Lisboa, o Antonio do Monte, como se queria despedir de todos e fazer ainda mais algumas compras, não querendo perder o comboio, resolveu fazer mais uma extravagancia. Meteu-se num taxi.

Andou que se fartou para aqui, para acolá, e notou o nosso homem que o chauffeur, ou, para melhor dizer, o motorista, volta e meia deixava o braço de fóra do carro. Mais umas voltas, e lá estava de novo o motorista a deitar o braço de fóra, que aqui para nós era a indicar ao sinaleiro para onde ia, mas que o Antonio ainda não tinha percebido.

Novas voltas de carro e novas estendidelas de braço da parte do motorista, até que o nosso Antonio do Monte, já muito farto daquillo e não podendo mais, berrou-lhe de dentro do carro:

— O seu «chófer» deixe-se lá de estar a ver se chove, que eu apeio-me á mesma, porque tenho aqui um chapéu de chuva que chega para cobrir o carro, quanto mais a mim...

FERNANDO D'AVILA.



— Quanto levaste áquele sujeito que saiu agora pelo concerto?
— Quinhentos escudos.
— E o que tinha o carro?
— Não tinha gazolina...

O proximo numero do

KINO

DESSPORTOS

O AZAR DA BOLA

Em Espanha realizam-se todos os domingos algumas dezenas de desafios de *foot-ball*, officiais, e que deslocam muito milhares de pessoas.

Nos dias seguintes, os jornais, as revistas, as publicações, inserem larga reportagem critica e fotografica, maior do que a dos touros na epoca propria.

A Associação de Lisboa, não tendo querido, por dez reis de melcoado, sujeitar-se a uma deliberação colectiva das empresas jornalisticas, provocou o quasi silencio á roda do *sport* popular da bola.

Não se discute se a resolução da imprensa é justa ou não. É um facto. E pela prosperidade e prestigio do jogo mais querido do publico a nossa Associação devia fazer tudo.

Porque isto do boneco e da larcha no jornal, á segunda-feira, é um tonico. Mas não: «Não vale a pena».

— Ora — diz-nos alguém aqui ao lado — se os directores da Associação fossem jogadores, o caso mudava de figura. Pagavam-se as dez linhas do anúncio ao domingo, e á segunda-feira era mais que certo o retrato no jornal em atitudes plasticas.

Mas os directores não jogam. Ou melhor: jogam com tudo isto e divertem-se.

O Sporting ganha o campeonato este ano, sem favor de qualquer incidente, e as hostes dos Belenenses lastimam-se de azuis da cruz de Cristo perderem, sendo os melhores.

E serão. Mas «eles são onze, a bola é redonda, e o jogo é jogo».

Não ganhou o Benfica o ano passado, o campeonato de Portugal? E era o melhor? Isso era ele. Jogou bem a partida final e fez uma partidinha aos azuis, que levaram uma sorte do diabo nas eliminatórias.

O *foot-ball* é um jogo — de azar.

Azar para o publico, azar para os jogadores, azar para os clubs. Sempre azar. Porque é um jogo onde o que perde é sempre por azar.

«Se não tem falhado aquele *shoot*, se o Alfredo não estivesse magoado, se o juiz tivesse visto aquele *penalty*, se não existisse a *trave*...» Etc.

Sabem aquele dito que se attribuia ao Candido de Oliveira (o calhar não foi ele quem disse), de que o Vitoria, quando jogava em Lisboa, ha anos, e perdia, ia no vapor a discutir o jogo. E um dizia: «Se não fôsse isto, se não fôsse aquilo; se o João lhe acerta,

se o Cambalacho jogasse, se o Nazaré não falhasse aquele *goal*, se o arbitro não fôsse parcial...» — e quando chegavam a Setubal... já iam a ganhar por 4 a 0.

Pois com o Benfica sucede agora um pouco a mesma coisa. Se o Vitor não tem estado doente, se o Anibal pulesse jogar, e o Dyson perdesse a mania de largar a bola, se o Jorge tivesse mais fôlego, se o Mario não perdesse as noites...

Emfim: se o arar nos não tem perseguido... E entristecem.

Ora nós, que reconhecemos que o Benfica tem «macaca», achamos que o jogo é assim mesmo e é por isso que as multidões gostam dele. E que «nunc... se sabe nada».

Por isso devem tomar o nosso exemplo. *Sempre fixe*. Porque estar sempre fixe é o segredo da victoria.

Vejam o sr. Oliveira Duarte. Os jornais beiram, a Federação respinga, o *foot-ball* perde o prestigio, o sr. Salazar Carreira faz discursos — e o sr. Oliveira Duarte «fixe».

Os senhores vão vêr: o nosso brioso *team* de *hockey* que vai ao estrangeiro, vai ter azar. São favas contadas.

E a nossa valente *equipe* de esgrima que vai bater-se com a Inglaterra, se calhar — azar.

E, para 19 de Abril, o nosso encontro no Porto com a Italia, em bola, vai dar-nos... a victoria.

Isso é que seria azar — para Lisboa.

Consta que se vai realizar, em Lisboa (que não pode concorrer ao Campeonato de Portugal, porque o sr. Oliveira Duarte não deixa) um campeonato de «Consolação».

Concorrem o Casa Pia, o Benfica, o Caravelinhos e, talvez, os Belenenses, se por acaso o Sporting não tiver o triste e lamentoso azar de perder o ultimo jogo, e é por esse azarsito que os azuis legitimamente esperam, pois a Casa Pia tambem lhes arrancou a victoria, por um «azarosito».

E já se sabe quem oferece a taça: é o sr. Vitor Gonçalves. E o apito é substituído por uma gaita de foles.

O sr. Manoel Afonso é que não está de acôrdo. Diz que para consolação já lhe basta «quea que disfruta».

Emfim: como os leitores veem, isto só pode ir a brincar. Porque, a sério, só antigamente, nos tempos do sr. Cosme Damião,

MARCO POSTAL.

JOIAS, PRATAS, OURO E RELOGIOS

VENDAS, compras, consertos e transformações com responsabilidade e competencia. Desenhos e orçamentos gratis. Trabalhos á vista do cliente. Especialidade em trabalhos antigos.

JOALHARIA MORAIS — Rua Nova do Almada, 98 e 54
TELEFONE 2 7662



O GATO — Vem a isto, que Janeiro já lá vai...

Prosa de Cha-Velho

Que noticias lhes hei de eu dar de Espanha, da Espanha tauro-maquica?

Em Madrid, á data de e... de lá sair, deu-se uma unica novilhada, a primeira, e apenas um novilhado se distinguiu, «recebendo» um touro e recebendo uma orelha.

Para domingo passado, passada a minha partida, estava outra novilhada, a segunda, com «Aldeanov», que na ultima epoca agradou: «Moreno», que em Tetuan agradou tambem, e Pastor, o matador de touros que renunciou á alternativa.

Na terceira extrará, talvez, o nosso conhecido «Ale», que igualmente renunciará á alternativa, se renunciar...

* * *

E assim começa a ultima epoca da velha praça de Madrid, que dentro de seis meses deve ser destruída para dar lugar á nova praça, isto por obrigar ao contrato com o «Ayuntamiento».

A praça nova, afastada do centro e situada em «Las Ventas», já foi entregue ao «Ayuntamiento» e será inaugurada ainda este ano.

E está magnifica a nova monumental, melhor por fóra que por dentro, mas suficiente para dar «en las ventas» aos anti-taurinos.

* * *

Pelas provincias poucas corridas se deram ainda, e num festival benéfico em Jerez reapareceu Antonio Cañero.

Este facto, ligado á estada do nosso Simão da Veiga em Madrid e á proxima reaparição de João Nuncio em Sevilha, permite supor uma renascença do «rejoneo» em Espanha.

Mas, francamente, não acreditamos...

Os espanhóis começam a cançar dos «caballitos», como já se vão cançando dos touros...

Porque nas corridas de galgos com lebre mecanica vimos nós bom numero de «aficionados» e «ganaderos», estes possivelmente, por ser mais barata uma matilha que uma «ganaderia»...

PEREZ LA CHAISE.



— Lá vai o Chico.
— Porque será que lhe chamam o «Chico Fascista»?
— Traz sempre as camisas tão negras...

Quereis dinheiro?

Jogal no

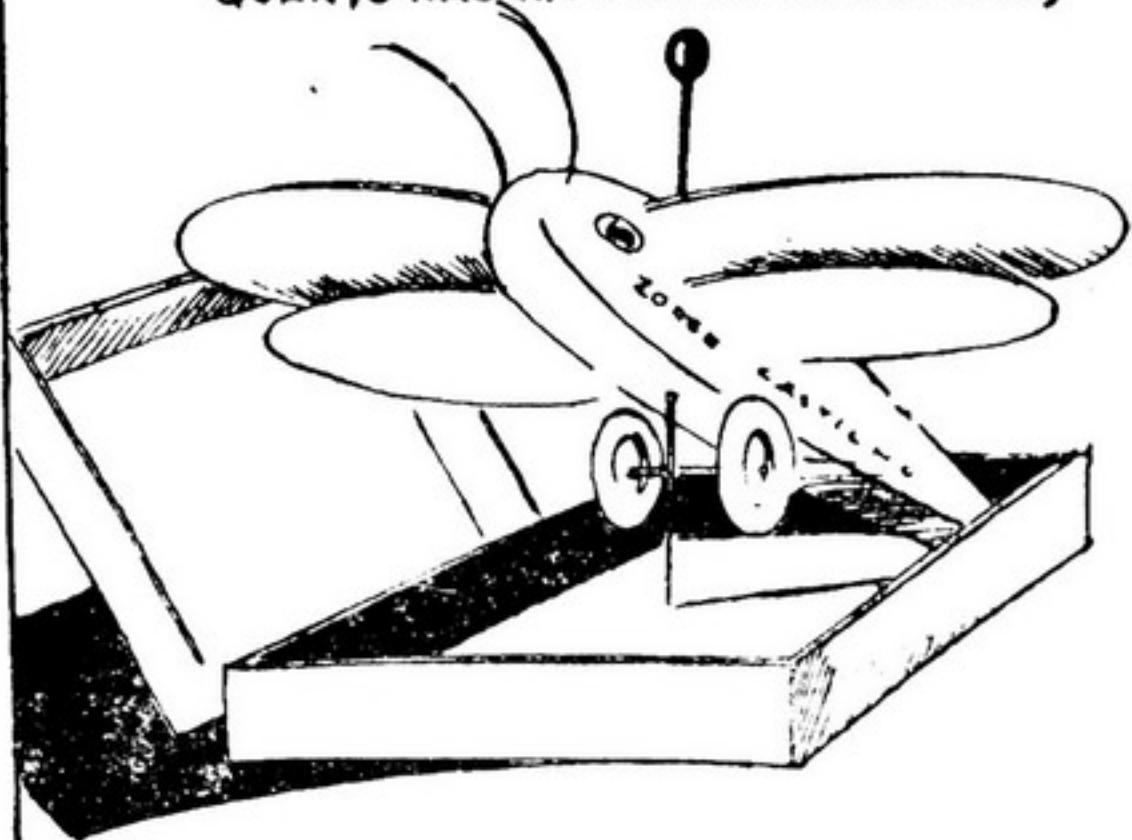
Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortos grandes

ECOS DA SEMANA

AGORA SÓ FALTA ESPETAR-LHE UM ALFINETE E MANDA-LO PARA O MUSEU DA POLITECNICA (EM QUANTO NÃO HA O DE ARTES E OFÍCIOS)

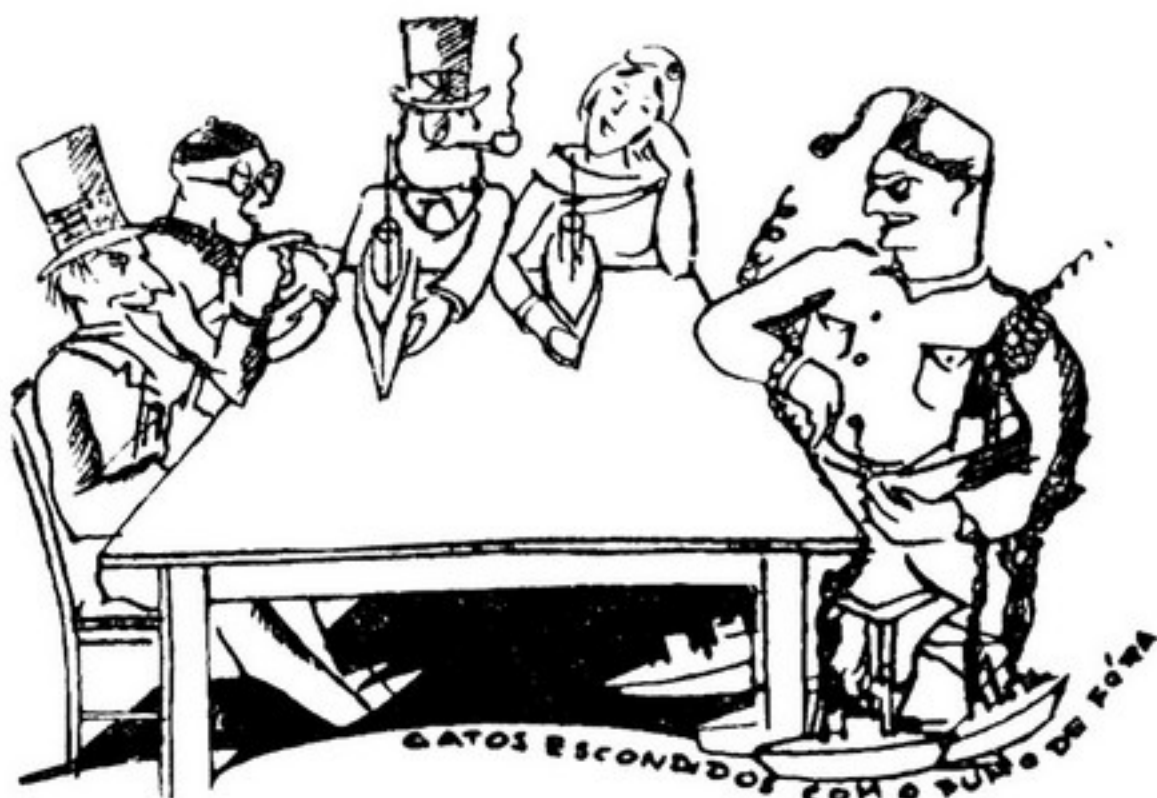


E' DE PRESUMIR QUE A D. BERTA KRUPP FOSSE UM GRANDE CANHÃO PARA PODER, INSPIRAR TAMAHHO CANHÕES.

R. I P



ESTÃO-SE A JOGAR AS ULTIMAS CARTAS... QUEM FICARA COM MAIS TRUMFOS? NATURALMENTE GANHAM TODOS.



ORA NÃO SAÍA MUITO MAIS BARATO FAZER O MONUMENTO AO MARQUÊS EM PERO PINHEIRO? ALÉM DISSO FICAVA NUM LOCAL MAIS RECATADO...



O "ORFINHÃO" CATALÃO "CATALANDO" UM CORAL COM VOZ DE CORAL QUEM ESTAVA A MATAR PARA UM EM LISBOA ERA O MAESTRO LÁCERDA.



O CORALISTA ISIDRE MOLES

CAÇADOR